

Profecias Morenas



PM

discursos do eu e da pátria em Antônio Vieira



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA

EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

RITA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Andréa de Azevedo Morégula

André Luiz Rosa Ribeiro

Adriana dos Santos Reis Lemos

Dorival de Freitas

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

José Montival Alencar Junior

Lurdes Bertol Rocha

Maria Laura de Oliveira Gomes

Marileide dos Santos de Oliveira

Raimunda Alves Moreira de Assis

Roseanne Montargil Rocha

Silvia Maria Santos Carvalho

Jorge de Souza Araujo

Profecias Morenas

PM

discursos do eu e da pátria em Antônio Vieira

2^a Edição

Copyright ©2014 by
JORGE DE SOUZA ARAUJO

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Deise Francis Krause

IMAGEM DA CAPA
Retirada do site:
www.morguefile.com/creative/rollingroscoe

REVISÃO
Dorival de Freitas
Maria Luiza Nora
Roberto Santos de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

-
- A663 Araújo, Jorge de Souza.
Profecias morenas : discurso do eu e da pátria em
Antonio Vieira / Jorge de Souza Araújo. – 2. ed. –
Ilhéus, BA : Editus, 2014.
284 p.
Inclui referências.
ISBN- 978-85-7455-353-5
1. Vieira, Antonio, 1608-1697 – Crítica e interpreta-
ção. 2. Vieira, Antonio, 1608-1697 – Sermões. 3. Lí-
ngua portuguesa – Século XVII. 4. Ensaios. I. Título.

CDD 922.2469

EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORIA FILIADA À



* * *

*Não sou eu o que hei de
comentar o Texto: o Texto é
que há de comentar a mim (...)
Eu repetirei as suas vozes, ele
bradará os meus silêncios.*

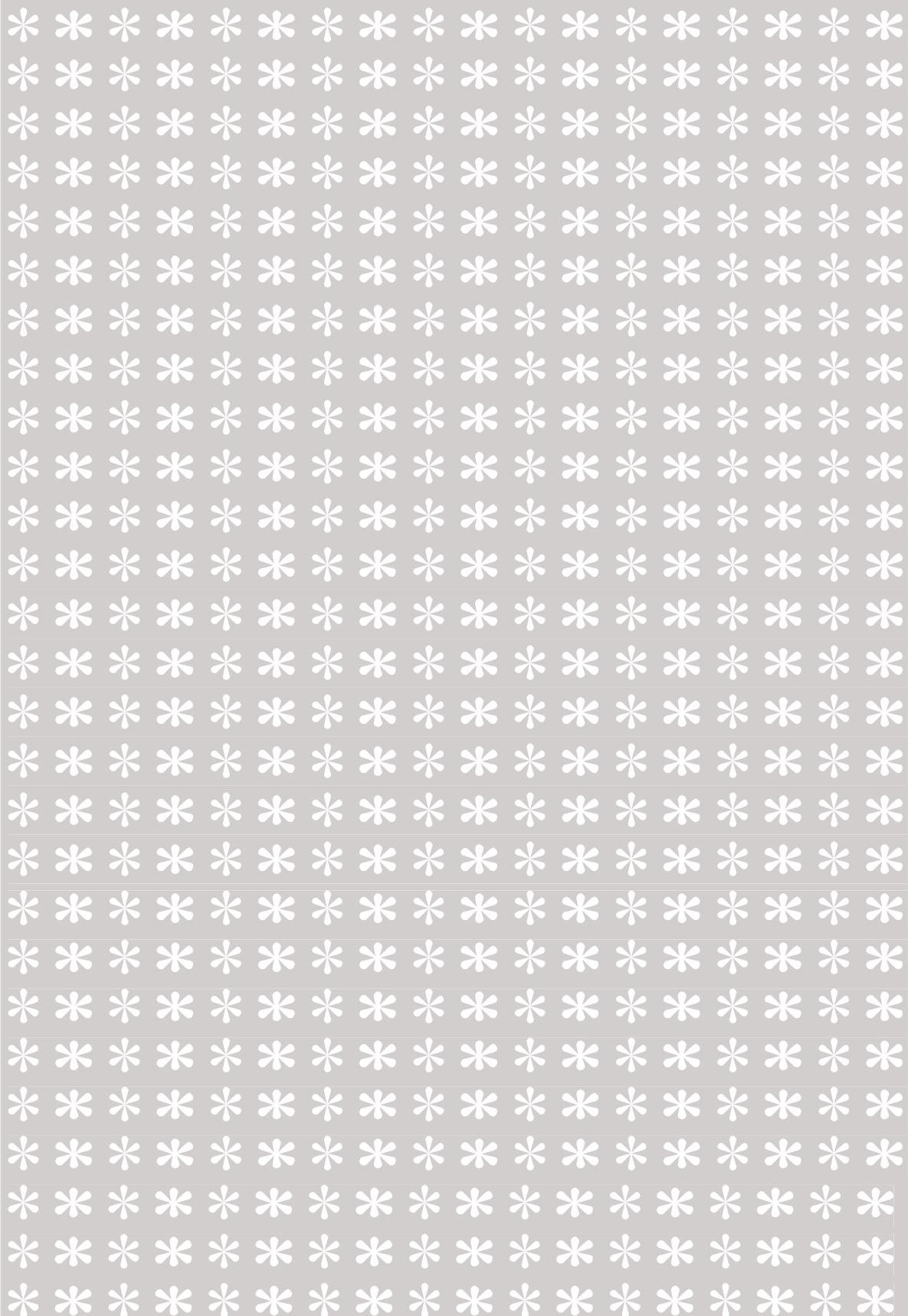
Antonio Vieira
(*Sermão da Epifania*, 1662)

*Aos mestres Cláudio Veiga e Carlos Cunha,
lídimos restauradores do cavalheirismo e
da cordialidade,
in memorian.*

* * *

*Aos ex-alunos, ou quase alunos, Adriana
Ghazza Telles, Marcos Velho Botelho,
Maurício Lee-K Galvão, Tatiana Ghata
Lima, Paulo D'Antão e Osny Nico Telles e
mais outros enoríssimos colaboradores,
os pacientíssimos Daise Rocha, Jasiel
Machado e Joilson Rocha, sem cujo
concurso cibernetico e humanista este
trabalho não teria chegado a seu termo.*







PREFÁCIO

O modelar ensaio publicado pelo professor Jorge de Souza Araujo em 1999 – *Profecias morenas*: discurso do eu e da pátria em Antonio Vieira – final e felizmente encontra nova edição neste ano. Ao transcender a preocupação com a tópica seiscentista, enfoque fossilizado em abordagens a Gregório de Mattos e Guerra e ao padre Antonio Vieira, o ensaísta analisa a produção discursiva do sacerdote, sem elidir as marcas da existência, os traços de sua história de vida, mas para muito além da mera crítica biográfica que instaurou uma tradição em nosso país desde seu lócus originário na crítica e na história da literatura durante o século XIX.

O córpus deste trabalho investigativo-analítico é composto por cartas e sermões de Vieira, com recorte marcado em sua correspondência ativa e nas pregações realizadas em território baiano. Não se trata, contudo, e como alertamos, de uma tentativa de reconstruir o eu biográfico nas malhas do discurso, mas de entender os graus de autonomia que porventura se apresentassem como possíveis ao sujeito produtor no século XVI. Como sabemos, esse ficava então circunscrito aos dogmas religiosos, à retórica da época e aos aparelhos de controle capazes de garantir a permanência das normas e das regras morais que regiam a sociedade colonial.

Já na introdução ao texto ora apresentado, que se denomina “Um Vieira fora da ordem”, o estudioso esclarece seu intento de se voltar à escrita do padre, considerando

“as modulações psicológicas do indivíduo autor, sua natureza multifária e dispersa, ora acrescentando-se em angústia e autocomiseração, ora excluindo-se do discurso para privilegiar zonas obscuras que digam respeito às lacunas sociomorais e religiosas, o que faz em testemunho e crítica infatigavelmente”.

Os cinco primeiros capítulos do ensaio, “Vária memória do eu”; “Persona e sentimento”; “Política e doutrina”; “Retórica e poética”; “Profecia e messianismo”, nunca deixam de vincular a obra ao ser humano que a produziu e viveu a vida. As interpretações que emite e as observações das quais se torna alvo, não menos argutas, iluminam o entendimento do que hoje é escrita depoente e ontem foi mensagem ou palavra ao vento. Não nos situamos diante de um sujeito homogêneo, entretanto, mas de um ser desdobrado entre várias posições discursivas e subjetivas.

No decorrer do livro, o sexto capítulo, “Primeiros sermões e carta ânua”, como seu título indica, detém-se na *Carta ânua* e em 23 sermões pregados quando da primeira vez em que Vieira residiu na cidade da Bahia. O sétimo capítulo, “Cartas na manga”, analisa 152 correspondências endereçadas às mais diversas personalidades históricas do mundo luso-colonial. Por fim, a oitava e última seção ensaística, “Últimos sermões”, abarca textos decorrentes das prédicas efetuadas por Vieira entre os anos de 1681 e 1697, quando de seu regresso à Bahia.

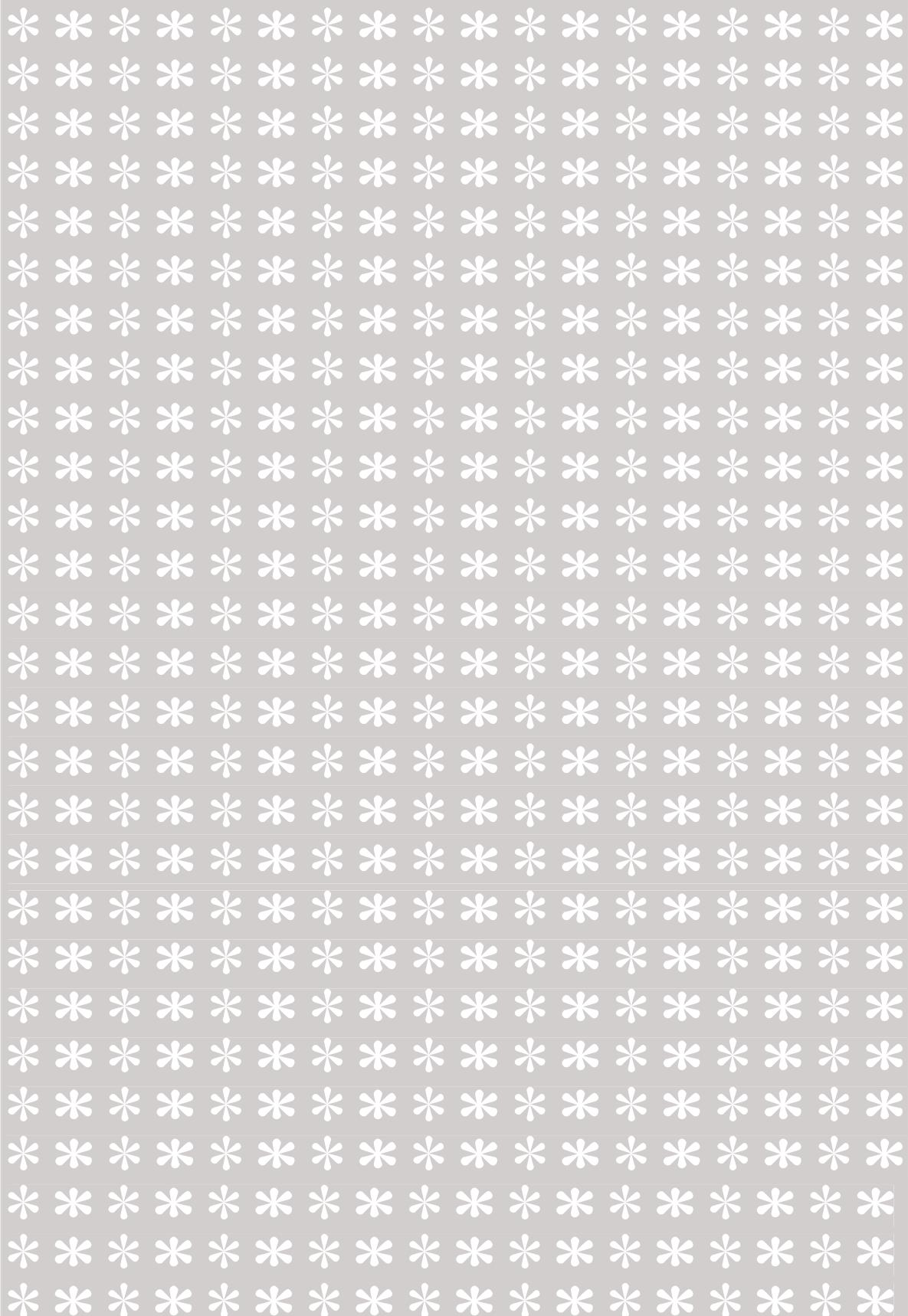
No percurso de uma leitura bastante prazerosa, talvez impensável em razão da importância e da quantidade das informações oferecidas, Jorge Araujo faz-nos deparar com um Vieira que, antes de sujeito da enunciação, se mostra como um ser humano descontinuado no ato de ler, com suas fontes e seus processos receptivos, com seus interlocutores e reprocessamentos, com a história colonial e a história literária. Enfim, é nos meandros de uma

história cultural ao mesmo tempo enxuta e erudita que os rendilhados confessionais desvestem o padre para desvelar o homem. Ultrapassando limites impostos pelos grilhões retóricos sempre que possível, estas *Profecias morenas* partem do eu para encontrar a pátria e vice-versa; referindo-se a um tempo em que a conceituação desses termos ainda pertencia às utopias do futuro, vem oferecer-lhes emprego apropriado no exato momento em que o veio biográfico parece reabilitar-se em várias esferas das Ciências Humanas.

* * *

SUMÁRIO

Introdução: Um Vieira fora da ordem	17
I – Vária memória do eu	31
II – Persona e sentimento	45
III – Política e doutrina	61
IV – Retórica e poética	79
V – Profecia e messianismo	103
VI – Primeiros sermões e Carta Ânua	113
VII – Cartas na manga	211
VIII – Últimos ser(m)ões	243
Referências	281





INTRODUÇÃO

Normalmente, a análise de vida e obra de Antonio Vieira corre parelhas na direção unívoca de uma amostragem que chega às raias ou do enaltecimento o seu tanto exagerado, ou do azedume da consideração moralista, ressentida ou mal-humorada. Ambas torcidas ou hiperbólicas, perdem de vista a figura múltipla de Vieira. No caso de tomar-se a obra como projeto de individuação de seu autor, nunca chegou mesmo a ser objeto de cogitação a sério. Desloca-se o eixo de observação do Vieira pregador para o político, o missionário, o diplomata, o sebastianista, e não se conhece um trabalho que indique ou perceba as modulações psicológicas do indivíduo autor, sua natureza multifária e dispersa, ora acrescentando-se em angústia e autocomiseração, ora excluindo-se do discurso para privilegiar zonas obscuras que digam respeito às lacunas sociomorais e religiosas, o que faz em testemunho e crítica infatigavelmente. E, no entanto, a obra de Antonio Vieira serve-se muito apropriadamente a estudos dessa natureza, uma vez que surpreendemos, ainda que de forma pouco usual e contraditória, o indivíduo e seus projetos existenciais sob a capa austera e rigorosa do doutrinador e moralista, servo obediente da Companhia de Jesus.

Este *Profecias morenas: discursos do eu e da pátria em Antonio Vieira* intenta o rastreamento da figura e personalidade do pregador, sua cosmovisão e filosofia, sua identidade religiosa e panfletária, o percurso do

indivíduo dissimulado em suas ações, não como uma tentativa de justificação de atos da vida para explicações da obra, gesto de resto inútil, tal o movimento de ordem/desordem das ideias do pregador a contrariar qualquer possibilidade de estabelecimento de normatização ideológica. Fruto de contradições, apropriando-se de recursos disponíveis na cultura, na ciência, na história, na teologia, enfim, em todos os ramos do conhecimento em seu tempo, para caracterizar uma ação efetiva de evangelização e voto missionário, dele disse J. Lúcio de Azevedo que “só quando perora em causa própria lhe sai da alma a cólera ou o despeito”¹. É possível que assim se dê, mas identificamos um avanço maior na perspectiva assimétrica, uma vez que tal cólera e/ou despeito igualmente podem manifestar-se, mesmo quando excede ou se amplia a “causa própria”. Dito noutros termos, essa causa própria transcende a figura do pregador, sendo causa de sua ideologia, ou, e não raro, transformada a causa de outrem (a dos índios, dos judeus, dos brasileiros, dos pobres) em causa sua. O fato é que, quando se apaixona por uma causa (e sua obra evidencia esse estado de paixão em nível de permanência acentuada), Vieira torna-a em estágio de individuação permanente e o discurso/queixume/protesto do outro passa a ser seu próprio, incluindo-se aí todo o repertório infinito de verve e ironia, escândalo ou espetáculo — forma de mostrar-se aos olhos, comover pelo olhar e pelos sentidos — até instaurar uma nova prática. Nessa linha, a trajetória existencial de Vieira é um documento vivo e expressivo do quanto o indivíduo pode ser extremamente fiel a si mesmo, vencendo cada dia a cada risco, numa luta para debelar o inferno de cada um.

¹ In: *História de António Vieira*, 1992, v. 1, p. 62.

Antonio Vieira (1608-1697) — na Bahia 43 anos em duas importantes fases, de formação (1614-1641) e confirmação de sua escritura pela ordenação da obra (1681-1697) —, muito já se disse, é brasileiro e baiano por segunda pátria e aqui foi que inequivocamente moldou a têmpera de seu polêmico e definitivo trabalho. De 1614 a 1641 como que Vieira toma o Brasil para espelho de suas vivências e o retoma pós experiências desenvolvidas na Metrópole entre 1641 e 1681. Sua permanência e seu retorno à Bahia funcionam como peças de retomada das projeções do espelho original, cujas reverberações, desenvoltas de 1681 a 1697, dão o mote do patriotismo sagrado, consubstanciado na noção da pátria única de Deus, ideia, aliás, que encontra eco nas práticas proféticas da Bíblia.

Não deixa de ser parcialmente verdadeira a asserção de um Vieira brasileiro, de espírito afeito e contrafeito às peculiaridades da segunda pátria que adotou como sua, sofrendo e administrando conflitos que tinha como seus e de seus contemporâneos na Bahia, onde denuncia os múltiplos contrastes de uma colonização brutalizada pelo extrativismo rudimentar e violento. Nesse universo de amplo significado, resenhamos as relações do pregador com a Bahia, cabeça do que chamava de Província (não Colônia) e pátria de sua formação. Para tanto escolhemos rastrear a identidade pessoal do pregador e sua apaixonada tentativa de integrar Bahia e Brasil no mapa da civilização católica do Seiscentismo a partir dos sermões e cartas escritos e motivados por sua intelectualidade crítica e analítica nessa sua pátria de adoção. Os primeiros sermões e a *Carta Ânua* representam a primeira tonalidade morena do pregador, salientando-se postulados e caráter do gentílico brasileiro. As cartas datadas da Bahia, no retorno do pregador ao Brasil, evidenciam um temperamento personalíssimo, um testemunho crítico que se sustenta até o final da vida do seu autor, em tudo sintonizado e vigilante com

o mundo em volta. Essas cartas são rigorosamente peças de informação historiográfica, literária e antropológica, de raro e instintivo compromisso ético/filosófico, documentos compósitos da multifacetada realidade barroca do Seiscentismo. Os últimos sermões, que aqui se provocam ludicamente com a alternância oclusiva *serões*, assinalam uma docência perscrutadora e revolucionária, como se tornara a primeira tarefa da educação o ensinar a ler, a olhar o mundo, aqui devidamente temperada pela fragilização do pregador, vulnerável, mas nunca dobrado ante os contrários de uma existência tão rica de experimentos.

Os cinco primeiros capítulos deste trabalho pretendem oferecer uma visão geral que situe, na forma da convenção, o conceito tradicional do homem Antonio Vieira e sua obra, contribuindo, entretanto, para a memória cognitiva dos vários eus do pregador e sua projeção individual, seus étnos político, doutrinário, poético, retórico, profético e messiânico, tudo confluindo para uma análise da persona e sentimento do pregador.

Os textos que compõem os capítulos 6, 7 e 8 sequenciam o trabalho, distribuídos numa ordem arbitrariamente cronológica, com variação tópica e espaço social da Bahia, de forma a ressaltar a frequência de um tempo pessoal de formato brasileiro na palavra do pregador. São, no capítulo 6, a *Carta Ânua* e mais 23 sermões da primeira permanência de Vieira na Bahia: *Sermão da Quarta Dominga da Quaresma* (1633), *Décimo Quarto do Rosário* (1633), *Décimo Segundo do Rosário* (1639), *Vigésimo Sétimo do Rosário* (s/d), *De São Sebastião* (1634), *Do Sábado Antes da Dominga de Ramos* (1634), *Da Conceição da Virgem Senhora Nossa* (1635), *Ao Enterro dos Ossos dos Enforcados* (1637), *De Santo Antonio* (1638) *De Santa Cruz* (1638), *Da Segunda Quarta-Feira da Quaresma* (1638), *Da Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel* (1638), *Da*

Dominga Décima Nona Depois de Pentecostes (1639), *Do Gloriosíssimo Patriarca São José* (1639), *De Nossa Senhora da Conceição* (1639), *De Nossa Senhora do Ó* (1640), *Do Quarto Sábado da Quaresma* (1640), *Pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal Contra as de Holanda* (1640), *Da Visitação de Nossa Senhora* (1640), *Do Dia de Reis* (1641), *Do Nascimento do Menino Deus* (*circa* 1639), *Exaltação doméstica em véspera da Visitação* (entre 1633 e 1640), *Comento ou Homilia sobre o Evangelho da Segunda-feira da Primeira Semana da Quaresma* (entre 1633 e 1640) e *De Santo Estévão* (entre 1633 e 1640).

As cartas são endereçadas ao geral João Paulo Oliva, em Roma (anunciando partida, 21/01/81); ao duque de Cadaval; arcebispo de Calcedônia, núnco apostólico de Lisboa; arcebispo da Bahia; cônego Francisco Barreto; marquês de Gouveia; conde da Ericeira; Roque da Costa Barreto; Cristóvão de Almada; Diogo Marchão Temudo; provincial da Companhia em Portugal; Antonio Paes de Sande; conde da Castanheira; conde de Castello-Melhor; Antonio Lopes Boaventura; Sebastião de Matos e Souza; padre Antonio Maria; Bispo de Pernambuco; Rainha dona Maria Sofia; Luiz Gonçalves da Câmara; padre Leopoldo Fuess; Cardeal Arcebispo, inquisidor geral; Pedro de Melo; marquês do Alegrete; padre provincial do Carmo; sereníssimo rei dom Pedro II; Francisco de Brito; padre Manuel Dias; marquês das Minas; Certo fidalgo da Corte; João Ribeiro da Costa; Baltasar Duarte (padre da Companhia); padre Manuel Luiz, lente dos casos no Colégio de Santo Antão; sereníssima rainha da Grã-Bretanha; e Manuel Pires, da Companhia. Ao todo, são 152 cartas, de larga ou curta extensão, alguns destinatários em maior número, outros com uma só carta. Agregam-se os fragmentos (oito) dirigidos a anônimos, com exceção do bispo do Japão e do padre Nuno da Cunha, Pedro Pedrosa, Gonçalo de Veras e padre Francisco de Avelar.

Todas as cartas foram extraídas da edição Lisboa: Editora Empresa Literária Fluminense, de organização anônima, s.d., 2 v. O volume de que mais nos servimos foi o II.

O capítulo 8 trata dos últimos sermões proferidos na Bahia, entre 1681 e 1697, período do retorno do pregador. Estão impregnados do delírio místico do Quinto Império, mas não perdem a graça original e o extraordinário senso de manejo do idioma, do estilo pessoal e das habilidades retóricas e estéticas próprias do pregador. São, no total, oito: *Palavra de Deus empenhada no Sermão das exequias da Rainha dona Maria Francisca Isabel de Sabóia* (1684), *De Ação de Graças pelo nascimento do príncipe dom João, primogénito de SS. majestades que Deus guarda* (1688), *Discurso apologético — oferecido secretamente à rainha Nossa Senhora para alívio das suas saudades, depois do falecimento do príncipe dom João, primogénito de SS. majestades (circa 1688)*, *Sermão Doméstico* (1689), *Exortação Primeira em véspera do Espírito Santo (circa 1689)*, *Sermão de ação de graças pelo felicíssimo nascimento do novo infante de que a majestade Divina fez mercê às de Portugal* (1695), *Sermão gratulatório a São Francisco Xavier pelo nascimento do quarto filho varão que a devoção da rainha Nossa Senhora confessa dever a seu celestial patrocínio* (1695 ou 1696) e *Sermão do Felicíssimo Nascimento da sereníssima infanta Teresa Francisca Josefa* (1696 ou 1697).

Com esses textos e outros que lhes sejam conexos, buscamos restabelecer contiguidades percebidas nas relações homem-obra, abandonando-nos a um elenco de probabilidades do discurso individual, conquanto não se advogue aqui a estreiteza do biografismo atrelado ou manietado servilmente à obra. Pretende-se uma rota estilística/estética singular, na medida do estudo do estilo vieirano em sermões e cartas, estilo acompanhado de leituras de outros autores e leitura de mundo com a leitura de si, a

documentação atormentada de um indivíduo no século 17 — professo numa Companhia que prevê obediência muda e cega, “obediência de cadáver” —, durante muito tempo o homem mais importante e poderoso no reinado português de dom João IV e, no entanto, um indivíduo em franca crise pessoal de felicidade, um denodado e ardoroso intérprete de profecias, ele mesmo autoproclamado profeta de um tempo novo, tempo adventício de encobertas e desempenhadas vocações de glória e gozo místico.

É Vieira a suprema combinação de um ser leitor. Argumenta com a palavra de Deus, mas para objetos que não se sabe serem definidamente de Deus. No *Sermão de São Roque*, afirma: “A bondade não está nos meios, está nos fins”. A despeito da pretensão cartesiana da morte da retórica com a moderna elocution de investigação silogística, Vieira se faz acompanhar de Santo Agostinho, para quem a verdade está na alma, o entendimento dos sentidos pela negação às intervenções humanas, posto que o que está nas Escrituras é intransitivo, imutável, irreversível, à base do já aconteceu. É Vieira o que induz à ignorância do Santo Ofício pela incapacidade deste em legitimar o processo do jesuíta com base na argumentação e na lógica dos fatos.

Toda a riqueza existencial de Vieira é reconhecida e testada nas várias facetas de sua personalidade. Em todas reconhece-se a marca impressiva de um indivíduo singular, mas solitário. Sensações que se podem aferir nos discursos, mesmo os da lógica interna dos católicos contrarreformistas. Vieira celebra a utopia de uma pátria católica, unívoca e democrática, defendendo o conceito de pátria como aquela assinalada e ungida pelo sopro do Criador, nem que para isso tivesse de recorrer, num momento adverso, às trovas daquele “rude sapateiro” de Trancoso, leitor e intérprete da Bíblia, cujas redondilhas eram reflexos da crendice popular, assim como a própria redondilha é fenômeno popular tipicamente

ibérico. Bandarra é sebastianista inaugural, antecipando em 40 anos para Portugal os emblemas de Isaías e Daniel. Vieira cria fatos, suas celeumas geram expectativas porque tratam de portugueses como predestinados, mesmo em face da Inquisição que esteriliza, mas não consegue impedir a livre frequência de pensamentos e ideias. Vieira em busca do Texto Vivo, com uma percuciência analítica perturbadora na proposta de ressurreição de João IV, na morte/mortificação de uma Ulisséia apavorada, descoroçada pela inércia administrativa, pela oclusão de prestígio internacional, pela política de terra arrasada. Em tudo Vieira fundador, recodificador da própria arte de argumentar, refundindo a retórica, ampliando Aristóteles e Quintiliano e a todos os outros, inclusive seus contemporâneos, através do contributo pessoal, mais Gracián e Quevedo, adequando ainda imagens e expressões dos gentios aos postulados do seu dogma.

Nessa perspectiva de uma cada vez mais intensiva intervenção do eu no discurso, Vieira manipula vários campos da significação. É o que se depreende da percepção enunciada por Cláudio Veiga, no ensaio *Vieira data-do pelo Zodíaco*. Veiga acredita que o *Sermão pelo Bom Sucesso...* tenha sido proferido entre 22/7 e 23/8/1640, por causa do trecho: “Deixai já o signo rigoroso de Leão e dai um passo no signo de Virgem, signo propício e benéfico”².

Em vários sermões, sobretudo nos domésticos, pregados à intimidade crítica da Ordem, Vieira assume claramente um tom pessoal. Suas imagens refletem sua interpretação da realidade. Compara a liberação de Portugal do jugo espanhol à peregrinação de Madalena ao túmulo de Cristo. Cita Santa Teresa como exemplo de valor da mulher, mas resvala no preconceito cultural do seu e do nosso tempo. Isso transparece na interpretação

² In: *Prosadores e poetas da Bahia*, 1986, p.81.

que faz do fenômeno de haver mais homens que mulheres no pecado. As mulheres serão mais aceitas no Céu, segundo Vieira, entre outros motivos, “porque têm menos entendimento, têm menos malícia” (...); “Mais vezes que os homens se podem salvar pela ignorância invencível”. Como não ocupam os cargos normalmente destinados aos homens, têm menos ocasião de pecar... (Sermão incompleto *Comento ou Homilia sobre o Evangelho da Primeira Semana da Quaresma in: Vieira, Sermões completos*. Porto: Lello, v. 1, t. 2, p. 275).

Vieira ousa porque em seu discurso ressalta sempre a feição original, independente, autônoma. É cristológico, milenarista, analógico, intérprete livre e exegeta particularíssimo da moral teológica, especialmente a do Velho Testamento. Visionário ativo como Galileu, penetrante e agudo na percepção histórica, solene, alegórico, panegirista ou parodístico, o tom do discurso de Vieira revela, no entanto, uma íntima e profunda impregnação de um eu clivado, que o autor tenta superar nas malhas de um texto em busca de revelações distintas. Mesma superação reconhecível na operação que faz quando se apropria do discurso do outro para a construção de um próprio. Poder-se-ia dizer que há um Latim Clássico, um Latim Eclesiástico e um Latim vieirano, resultado de um repertório personalíssimo. A lógica em Vieira assume um papel muito particular. Das características que imprime à defesa do Quinto Império e as razões que alinha, da análise dos impérios dos assírios, persas, gregos e romanos, ao caráter sagrado da fala de Cristo nos ouvidos de Afonso Henriques, à interpretação do Encoberto na ressurreição de dom João IV ou do Encoberto na figura do infante morto, filho de Pedro II, ou do próximo a vir, sendo o infante imperador absoluto no Céu, convocado pelo Senhor de todos os impérios... Vieira salta de uma a outra análise dos discursos, tudo de acordo com sua extraordinária

capacidade de apropriação/adequação/incorporação. Se antes criticava sebastianistas e dedicava a Bandarra solene desprezo, usa do mesmo Bandarra e de suas trovas com o sainete de verdadeiros profeta e profecias, provando que Bandarra conhecia as Escrituras e revertendo em redondilhas a firmeza dos conceitos que interessam ao novo intérprete. Vieira sabe que o passado é memória, mas a ele recorre apenas na formulação de exemplos morais. E mesmo um Vieira surdo, quase cego, com a mão direita paralisada, meditando, ditando, declamando em voz alta, no exercício da palavra falada, da arte de falar e convencer, ainda assim ressalta do discurso a perspectiva de um eu calcado no aporema humano, no espaço e vertigem dos dias que, segundo crê, se transformarão.

Assim na esperança de Portugal Quinto Império do Mundo, à semelhança da expectativa judaica do Messias, o sebastianismo reformado de Antonio Vieira refunde o Encoberto em dom João IV, em Afonso VI, Pedro II (e antes dom Teodósio), nos filhos de Pedro II, um reinando no Céu, outro na terra. Ou no amor místico de Deus, na série de sermões do Mandato, na eterna disputa entre o conhecimento e a ignorância, a despeito dos conectivos concessivos (feição retórica das concessões ideológicas, mentais, psicológicas, filosóficas) *posto que, ainda que*, relações entre suposição e suspeição, em tudo a interpretação vieirana da incompletude do homem/do mundo, é da incompletude do eu, que busca a verdade e que a sabe gerente de si mesma. As relações do cronicentrismo, da análise da heresia como pecado do conhecimento, pecado racional, pecado que sabe que peca, em tudo Vieira ostenta uma percepção não vulgar (nas duas acepções, a portuguesa, de corrente, popular, e a pejorativa, brasileira, adjetivada superativamente), atribuindo à verdade um valor absoluto, mas não o exprimindo ou explicitando senão pelo mistério da Revelação. A inocência se desterra quando Vieira enfrenta o poder absoluto

do Santo Ofício, quando imprime ao debate a sentença e o julgamento de Deus, pois se utilizaria de todas as palavras das Escrituras, reproduzindo-as literalmente e defendendo-as literariamente; pela fé encara enigmas, superando-os no Texto Sagrado. Por isso, quando questionado, Vieira pede tempo à Inquisição para recompor saúde e vida e a amostra de seu livro, cujo texto se ignora, não se vê, mas se discute.

E pode-se mesmo supor que boa parte das características vieiranas, de comportamento e percurso, tenha derivado das formações pessoal e intelectual cumuladas por Vieira em sua experiência de jesuíta, ultrapassando o rigor meramente místico ou apologético para alcançar segmentos de doutrinação secular, fruto de fenômenos como o do próprio estalo. Na Bahia, em dois dos mais críticos momentos de sua existência, dos 6 aos 33, quando se forma, e dos 75 aos 89, quando se reforma, Vieira tem uma íntima impregnação da gênese e constituição americanas. Não se fez ausente do Brasil/Bahia durante os 40 anos lá fora. Descontada a experiência maranhense e agregado a tudo o que se passava na distante província, que chamava de sua segunda pátria, Antonio Vieira (11/11/1608 - 18/07/1697) cumpre verdadeiro e intensivo ciclo intermitente, ciclo de operações mentais e psicológicas que autorizam pensar suas potencialidades humanas, em que não se ausenta a forte personalidade, onde avulta a impressionante visão de mundo e do reino a que servia, de par com a trajetória angustiada de um eu travado, que se desfigura em angústias intemporais/atemporais, em tese incompreensíveis num servidor da Companhia, da Ordem, da Disciplina de Cadáver.

Se não há intencionalidade de projeto estético na obra de Antonio Vieira, nela reconhecemos e fica fácil identificar o esteticismo, ainda que involuntário, de seu autor. Crítico de seus textos, é com a personalidade afetada pelos crivos ditados pela modéstia falsa e personalidade fragmentária

e dispersa de fisionomia que Vieira se refere a si e aos seus sermões. Em carta a Sebastião de Matos e Sousa, de 27 de junho de 1696, chama-os de “choupanas”, considerando palácios altíssimos suas peças proféticas. Chama mesmo de “discursos vulgares” o material que acompanha a impressão, “vulgaridades” que, no entanto, compelido por superiores, tem de trazer à luz da publicidade. São seus títulos concessivos, mesmos títulos que acompanham a sentença autocomprazida em carta de 22 de outubro de 1672 a dom Rodrigo de Menezes: “Agora falarei em mim e de mim brevissimamente”.

Mesmo na exclusão de si (exclusão muitas vezes falsa, como na dissimulação da modéstia), Vieira não raro excede os modelos que toma como apoio, até mesmo o mesmo, por pensar por conta própria, por dizer o que sente (mas nem sempre o que pensa). Foi reformador social, planejador econômico, e até estrategista militar. Vieira com sotaque brasileiro da Bahia (facilmente comprovável em trabalho nosso de investigação da frequência do léxico vieirano e seiscentista presente até hoje), falava e sentia muitas vezes como brasileiro. E, por ser daqui praticamente oriundo, sofreu também as represálias ditadas pelo despeito metropolitano. O “frio e alagado inferno” vieirano corresponde à célebre “apagada e vil tristeza” camoneana.

Cumpre, por fim, justificar o título deste trabalho numa linha remissiva de recuperação semântica da palavra *profecia*. Não somente no sentido primeiro, mais imediato e popular, de “predição de futuro”, “oráculo”, “vaticínio”, conforme registro dicionarizado, mas, em sentido figurado, como resgate de outros signos: “preságio”, “conjectura” — que poderiam até, numa ousada prospecção de sentidos, de investigação de relaçõesseculares, temporais, operar na especulação de assuntos cuja pronúncia não sagrada nem sempre é pacífico aceitar.

Assim será Vieira profeta em sua terra, como pré-dicção de elementos, cujo esboço enuncia, ainda que correndo riscos. Serão morenas profecias, com o intercurso de sua formação brasileira, o tempero do sotaque baiano e a astuciosa cumplicidade com que aventura infinitos.

Da *Carta Ânua à Palavra Empenhada e Desempenhada*, o que percorremos com o pregador é um universo, de sopro tropical, de espias e expiações, tributo e virtude de quem, assente com a ousadia de errar, sabe afinal que os erros não são falência do espírito, mas predisposição aos muitos acertos.